

## CADERNO DE POESIA - I

### Dois Poemas de Philip Larkin

Tradução: ALÍPIO CORREIA DE FRANCA NETO<sup>1</sup>

#### AN ARUNDEL TOMB

*Side by side, their faces blurred,  
The earl and countess lie in stone,  
Their proper habits vaguely shown  
As jointed armour, stiffened pleat,  
And that faint hint of the absurd –  
The little dogs under their feet.*

*Such plainness of the pre-baroque  
Hardly involves the eye, until*

#### UM TÚMULO ARUNDEL

Lado a lado, o rosto indistinto em tudo,  
Em pedra, jazem o conde e a condessa;  
Seus usos se entrevêem na prega espessa,  
Numa cota de malha e através  
Daquele leve toque do absurdo:  
Os cachorrinhos que eles têm aos pés.

Essa simplicidade pré-barroca  
Pouco chama a atenção, até à surpresa

---

<sup>1</sup> Alípio Correia de Franca Neto é poeta, tradutor e doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo, com o projeto "A Balada do Velho Marinheiro como representação artística da *revery* dos românticos".

*It meets his left-hand gauntlet, still  
Clasped empty in the other; and  
One sees, with a sharp tender shock,  
His hand withdrawn, holding her hand.*

*They would not think to lie so long.  
Such faithfulness in effigy  
Was just a detail friends would see:  
A sculptor's sweet commissioned grace  
Thrown off in helping to prolong  
The Latin names around the base.*

*They would not guess how early in  
Their supine stationary voyage  
The air would change to soundless damage,  
Turn the old tenantry away;  
How soon succeeding eyes begin  
To look, not read. Rigidly they*

Da luva esquerda dele, esta, presa,  
Vazia, na outra mão, e até àquela  
Terna visão que súbito nos toca:  
A da mão nua segurando a dela.

Ninguém pensava em jazer tanto assim.  
Tal fidelidade em efígie era um  
Detalhe só para os amigos verem:  
Requinte encomendado ao escultor  
Pra prolongar os nomes em latim  
No pedestal, gravados ao redor.

Ninguém imaginava quão veloz,  
Na viagem fixa e inerte, o ar haveria  
De se mudar nessa muda avaria,  
Deixando longe os velhos suseranos,  
E os olhos passariam, um após  
O outro, a olhar sem ler. Firmes, por anos

*Persisted, linked, through lengths and breadths  
Of time. Snow fell, undated. Light  
Each summer thronged the glass. A bright  
Litter of birdcalls strewed the same  
Bone-riddled ground. And up the paths  
The endless altered people came,*

*Washing at their identity.  
Now, helpless in the hollow of  
An unarmorial age, a trough  
Of smoke in slow suspended skeins  
Above their scrap of history,  
Only an attitude remains:*

*Time has transfigured them into  
Untruth. The stone fidelity  
They hardly meant has come to be  
Their final blazon, and to prove  
Our almost-instinct almost true:  
What will survive of us is love.*

Perseveraram, juntos, na extensão  
Do tempo. Sem data, a neve caiu.  
A luz encheu vitrais a cada estio.  
Escória branca de ave foi lançada  
No mesmo chão cheio de ossos. Veio, então,  
A gente eternamente transformada,

Erodindo sua identidade. E agora,  
Inermes, no vazio de um tempo infenso  
Às armas, alguidar de fumo denso  
Em cordões lentos, pensos, que flutua  
Sobre seu mísero quinhão de história,  
Somente uma atitude continua:

O tempo os transfigurou numa tal  
Mentira. E essa fidelidade em pedra,  
Que certamente não buscaram, queda  
Como um brasão final, e atesta a voz  
Do nosso quase-instinto quase real:  
Amor é quanto ficará de nós.

## LOVE SONGS IN AGE

*She kept her songs, they took so little space,  
The covers pleased her:  
One bleached from lying in a sunny place,  
One marked in circles by a vase of water,  
One mended, when a tidy fit had seized her,  
And coloured, by her daughter –  
So they had waited, till in widowhood  
She found them, looking for something else, and stood*

*Relearning how each frank submissive chord  
Had ushered in  
Word after sprawling hyphenated word,  
And the unfailing sense of being young  
Spread out like a spring-woken tree, wherein  
That hidden freshness sung,  
That certainty of time laid up in store  
As when she played them first. But, even more,*

## CANÇÕES DE AMOR NA VELHICE

Ela guardou canções, tomavam pouco espaço  
E as capas lhe eram belas:  
Uma que apanhou sol e de matizes baços;  
Uma cheia de círculos de jarra d'água;  
Uma colada, num "acesso de ordem" dela,  
E colorida, pela filha – aguar-  
daram assim, até que em sua viuvez as  
Achou, procurando algo, e pôs-se dessa vez a

Reaprender como cada acorde, obediente  
E franco, introduziu  
Palavras se espalhando com hífens, e o alento  
Infalível da juventude, a tomar vulto  
Como uma árvore na primavera – daí o  
Frescor entoadado, que jazia oculto,  
E a certeza do tempo armazenado, igual  
À vez em que as tocou primeiro – e o principal:

*The glare of that much-mentioned brilliance, love,  
Broke out, to show  
Its bright incipience sailing above,  
Still promising to solve, and satisfy,  
And set unchangeably in order. So  
To pile them back, to cry,  
Was hard, without lamely admitting how  
It had not done so then, and could not now.*

O clarão dessa tão falada luz, o amor,  
Rompeu, mostrou enfim,  
Vogando no alto, o seu nascente resplendor,  
Sempre anunciando resolver e saciar,  
Pôr as coisas em ordem todo o tempo. Assim,  
Empilhá-las de volta ali, chorar,  
Foi duro, sem admitir, de forma inglória,  
Que nunca fora assim, e não seria agora.

O poeta e romancista inglês Philip Larkin (1922-1985) é considerado um dos maiores poetas ingleses do pós-guerra, e seu nome se liga aos poetas do assim chamado “The Movement”. As traduções que aqui se lêem fazem parte do livro *Menos enganados: oitenta poemas de Philip Larkin*, a ser lançado pela editora Iluminuras.